

SEXISMO E ESPECISMO NA OBRA *LIMITE ZERO*, DE BERNA REALE.

Bruna Augusta Marques

Artes Visuais/Universidade Estadual de Maringá

Patrícia Lessa (orientadora)

DFE/Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

Berna Reale é uma artista brasileira, que mora em Belém, trabalha com performances, instalações e registros fotográficos além de outras mídias. Nesse trabalho temos a intenção de abordar a performance *Limite Zero*. Nesta obra ela é carregada nua com os pés e as mãos amarrados em uma barra de ferro pelas ruas de Belém. Com isso nossos objetivos centrais são observar as relações entre o corpo humano e não humano em sociedade e verificar como se dão as relações de humanidade e animalidade no meio urbano e social a partir da análise dessa obra. Vamos utilizar como fundamentação teórica as obras de Donna Haraway e Félix Guattari, para pensar as relações da sociedade com o meio ambiente e com os animais não humanos e como as mesmas articulam relações de sensibilidade e processos de subjetivação. Em nossos resultados parciais podemos considerar a obra de Berna Reale como feminista animalista, inscrito na perspectiva zoopoética (HARAWAY, 2011), pois, cria uma relação interespecies para pensar as conexões entre as ações humanas e as suas consequências e impacto social.

Palavras-chave: Berna Reale; Limite Zero; Sexismo

INTRODUÇÃO

Berna Reale estudou Artes na Universidade Federal do Pará, em Belém e participa de diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e na Europa. Destacamos alguns trabalhos: Bienal de Cerveira em Portugal (2005), Bienal de Fotografia de Liege na Bélgica (2006), “Amazônia, Ciclos da Modernidade”, no Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro (2012), “*From the margin to the edge*”, Somerset House, Londres (2012), “Vazio de nós”, Museu de Arte do Rio de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Janeiro (2013), “Cães sem Plumas”, Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro (2013) e da I Bienal de Fotografia MASP, São Paulo (2013) dentre outras.

A violência tem sido o seu grande foco de atenção. Ela é uma perita criminal do Centro de Perícias Científicas do Estado do Pará e vive de perto as mais diversas questões de delito e conflitos sociais. Suas performances são pensadas com o objetivo de criar um ruído provocador de reflexão. A obra selecionada é uma performance intitulada “Limite Zero” (2011), apresentada no Rio de Janeiro na exposição intitulada “Vazio de nós”, com curadoria de Daniela Labra, em formato de registros visuais (CARRION, 2016). Seu trabalho nos instiga a questionar as ações humanas. Seu corpo é usado como ferramenta de reflexão social. Reale aborda questões para pensarmos as nossas relações com o corpo, com o meio ambiente promovendo um olhar mais sensível e crítico em relação ao nosso olhar para o cotidiano (MIOLI, GALINDO, PERES, 2016).

Limite Zero ou Sem/Título, com também é chamada a performance na qual artista Berna Reale, sai de um caminhão refrigerado carregada por dois homens, vestidos com roupas brancas semelhante à de açougueiros, nua com os pés e as mãos amarrados em uma barra de ferro, onde ela é carregada por vários metros pelas ruas do centro Belém (ROCHA, 2016). É assim que percebemos na obra a relação animal humano/animal não humano em sua relação instrumental de uso da carne como alimento, que estudamos a obra de forma a compreendê-la como um ativismo (LESSA, 2015; STUBS, 2015), conectando as questões sociais e as questões políticas com a arte. O ativismo em Berna Reale permite uma articulação de conceitos e reflexões sobre tecnobiopolíticas e os processos de subjetivação, bem como, promover a interseccionalidade entre as questões dos animais não humanos e as mulheres no que tange as explorações e a instrumentalização de seus corpos. Além disso os registros de suas experimentações corporais e ocupações de espaços públicos nos permitem problematizar o lugar da arte como espaço privilegiado para a crítica social, cultural e histórica, além da concepção de arte como ativismo que pensa a relação animal humano, animal não-humano e o meio ambiente.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Na primeira parte do trabalho iremos pensar as relações multiespécie nas naturezaculturas, tal como proposto por Donna Haraway (2011), no ativismo de Berna Reale.

ARTIVISMO E RELAÇÕES MULTIESPÉCIE NAS NATUREZACULTURAS

Ao pensar a complexidade das questões colocadas na performance de Berna Reale e, sua leitura sobre a sociedade e as práticas de instrumentalização dos corpos, os problemas derivados do crescimento urbano e industrial desenfreado, perceber-se que cada vez mais nossas relações com nossa própria espécie e com outras, são atravessadas pela formação de um pensamento de instrumentalização do/a outro/a. Já desde Maria Lacerda de Moura havia está preocupação. Os animais não humanos e as mulheres vistos como propriedade, foram alguns dos corpos usados à serviço dos experimentos e torturas das ciências instrumentalistas. Maria Lacerda critica o modelo de apropriação do conhecimento tecnocientífico e, denuncia essa produção de conhecimento como "pervertida e prostituída", já que o capitalismo industrializado assume todo o esforço científico. Diz a autora:

Não compreendo a vivisseccção a não ser como um delírio de perversidade inominável, nem chego a ver a vantagem da embriaguez científica que põe milhares de cobaias e cães e qualquer espécie de animal à mercê dos cientistas [...] vaidosos de fazer sofrer os "mártires da ciência" em nome de um princípio ou de uma descoberta ou de uma pesquisa ou dos problemáticos benefícios daí resultantes para todo o gênero humano [...]. O homem continuará a descer sempre, bem para baixo de todos os símios, na sua maldade de criatura civilizada, para estimular todas as virulências, desde as guerras até o prazer satânico de martirizar os animais em nome do humanitarismo cínico. [...] A humanidade pode progredir sem a fisiologia, porém, não poderá progredir sem a piedade (MOURA, 1931: 32-33).

Em trabalhos mais recentes (BRUGGER, 2009; HARAWAY, 2011; 2015) A questão assume outras proporções, como podemos referendar na seguinte reflexão:

Realização:



Apoio:



“somente na medida em que o processo vital se apodera das coisas e as utiliza para fins é que a ‘instrumentalidade’ da fabricação limitada e produtiva, se transforma na ‘instrumentalização’ ilimitada de tudo o que existe” (ARENDEDT, 1983, p.170 apud BRUGGER, 2009, p.33), ou seja, na medida em que o ser humano se desenvolve no quesito capital, ele gera a objetificação de corpos e vidas.

Dessa maneira relacionado há esse processo de geração de capital, cabe falar do sexismo (relação exploratória posta pela hierarquização dos gêneros) e do especismo (relação exploratória dos animais não-humanos pelos humanos), ou seja, sexismo refere-se à discriminação relacionada a gênero e exploração das mulheres já denunciada pelos feminismos desde o século XIX, e, com relação ao especismo é possível dizermos que existe uma crença na superioridade do ser humano com relação as outras espécies, que deixam de ser percebidas como outras formas de vida para se tornarem instrumentos à serviço da humanidade e do valor de mercado, ou seja, tratados não mais como vida e sim como coisa/mercadoria/objeto.

Partindo das premissas acima indicadas passaremos para a discussão da obra *Limite Zero*, da artista Berna Reale, à partir dos conceitos anteriormente indicados. Em nossa leitura percebemos a obra como feminista animalista, inscrita na perspectiva zoopoética (HARAWAY, 2011), pois, cria uma relação interespecies para pensar as conexões entre as ações humanas e as suas consequências e impacto social.

ELEMENTOS PARA PENSAR A RELAÇÃO: ARTE, CORPO E CRITICA SOCIAL

Berna Reale, em suas obras desenvolve performances e instalações que envolvem seu próprio corpo ou mesmo de pessoas que desejam participar da reflexão sobre o contemporâneo na relação entre ativismo, sociopolítica e ecosófia (GUATTARI, 1990). A violência tem sido um dos focos de atenção na obra de Berna. Ela é uma perita criminal do Centro de Perícias Científicas do Estado do Pará e vive de perto as mais diversas questões de delito e conflitos sociais. Suas performances são pensadas com o objetivo de criar um ruído provocador de reflexão.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



A obra selecionada é uma performance intitulada “Limite Zero” (2011), apresentada no Rio de Janeiro na exposição intitulada “Vazio de nós”, com curadoria de Daniela Labra, em formato de registros visuais (CARRION, 2016). Seu trabalho nos instiga a questionar as ações humanas. Seu corpo é usado como ferramenta de reflexão e de crítica social. Reale aborda questões para pensarmos as nossas relações com o corpo, com o meio ambiente promovendo um olhar mais sensível e crítico em relação ao nosso olhar para o cotidiano (MIOLI, GALINDO, PERES, 2016). Autora/e/s como Mioli, Galindo, Peres (2016), Carrion (2015) e Rocha (2014) apontam vários caminhos para pensar a obra e a artista e são parte de nossa fundamentação teórica no que tange as questões específicas relacionadas ao nosso objeto de pesquisa. Na imagem 1 podemos ver um registro fotográfico do percurso da artista pelas ruas de Belém.

Figura 1: Sem título, 2011, registro fotográfico de performance, 100X150 cm



Fonte: Mac USP, 2012

A performance *Limite Zero* nos instiga a pensar questões ligadas as nossas relações sociais com o meio ambiente e a subjetividade humana, questões essas relacionadas ao pensamento ecosófico de (GUATTARI, 2001, p. 29). Quando a

Realização:



Apoio:



artista é carregada nua, como se fosse um pedaço de carne pelas ruas do centro de Belém, por homens trajados com roupas que se a semelham a de açougueiros, percebemos a semelhança com o tratamento dados aos animais não-humanos comumente carregados desta forma pelas ruas e, ao mesmo tempo, o estranhamento da cena no seu impacto por ser uma mulher. Na cena acima podemos ver a relação multiespécie que expõe e questiona o ideário civilizatório do humanismo como propõe Carrion (2015), que diz:

As obras de Berna Reale parecem ter o dom de retirar seu observador do real, transportá-lo para o universo da fantasia. Adentrar esse universo significa, porém, imediatamente ser expulso de volta à realidade, agora ressignificada: basta o espectador entregar-se à magia da ficção para perceber o mundo que se esconde por trás da arte, para absorver a imagem da barbárie como alegoria da civilização.

A obra expõe em seu formato ativista a crítica relacionada a objetificação do corpo das mulheres vistos e tratados como instrumento em nossa sociedade, bem como nos leva a pensar na relação da exploração da carne dos animais não-humanos. A falta de empatia e sensibilidade com relação a dor e as vidas dos animais não humanos, geralmente tratados como espécies inferior e à serviço do ser humano, pode é tema do trabalho de Lessa e Toso (2017, p. 29 apud BAUAB, 2011, p.199):

Esse cenário de estupro e violência contra o corpo não se restringe à exploração animal. A violência física e psicológica encontra-se também presente no nosso cotidiano; para todo lugar que olhamos vemos o corpo feminino ser distorcido e subjugado à categoria de produto, muitas vezes comparados ao corpo de animais e a pedaços de carne, pela mídia prostituinte que estupra a imagem do corpo das mulheres, coisificando para o consumo.

A construção social que subjuga a vida dos animais não-humanos e dos corpos femininos, como coisa e ferramenta que reafirmam estruturas de poder e superioridade do homem sobre as demais formas de vida, na obra *Limite Zero*, coloca em cheque/choque a realidade que faz parte do contexto social e histórico no qual estamos inserido/a/s, assim “a sociedade que é constituída por animais-

humanos, tende a dar menos ênfase ou até desconsiderar o sofrimento no animal no lugar do humano, como se um fosse mais importante que o outro” (FERNANDA, SIMÕES, 2017, p. 135) ou seja o ser humano em seu processo de desenvolvimento através do consumo e da exploração de seres vivos descarta todo tipo de sentimento e subjetividade da outra vida, levando em conta apenas seus objetivos e perspectivas da quilo que deve ser considerado ou desconsiderado.

Ainda sobre a questão do choque diz Rocha (2014, p. 6):

É oportuno compreender que nesta dinâmica de acção (performance) e reacção (silêncio) está envolvido um mediador que contribui para a ausência de tomada de posição do público: o choque. Contudo, é também necessário compreender, que embora o público possa perceber que as performances de Berna Reale são um evento programado (acompanhado por câmaras, fotógrafos e eventualmente presença policial), a aceitação da performance tanto a nível visual como emocional, não conduz a nenhuma tentativa de intervenção do público no sentido de a impedir. E o facto é que as performances são realizadas em espaços públicos, sem que a noção de espaço privado possa resguardar a artista de possíveis acções imprevisíveis.

Dessa maneira nossa sociedade se estrutura em cima de valores que prezam o capital em detrimento da subjetividade, onde tanto animais quanto mulheres são vistos como mercadoria. O sexismo e o especismo se sustentam a medida que alguns corpos não importam e não recebem o tratamento de seres vivos, pois, a medida que são transformados em mercadoria, o próprio patriarcado torna-se sinônimo de exploração (FERNANDA, SIMÕES, 2014, p. 135). Limite Zero, assim, se coloca como uma crítica as nossas diferentes formas de se relacionar com o corpo e a vida do animal não-humano e das mulheres, pois, falta de empatia e de sensibilidade com relação ao sofrimento animal ocorre quase que na mesma proporção com a exploração das mulheres (FERNANDA, SIMÕES, 2014, p. 137). Limite Zero é a representação de forma explícita de nossas relações entre humano e o animal, relações estas percebidas na performance com o intuito de trazer uma reflexão da forma como ser humano lida com a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realização:



Apoio:



O tratamento dados aos animais não humanos define muito do que somos, que a consciência e o respeito a eles refletirão nas nossas relações entre nós mesmos, com nossos amigos ou familiares. Esse respeito pode ser um início de uma transformação na vida planetária humanidade-animalidade-plantas, para podermos avançar em direção aos modos de existência mais afetivos e criativos. E a aplicação do conceito de ciência possa, assim, estar mais comprometida com os valores da vida criativa. Os animais não humanos podem, a partir das leituras da obra de Berna Reale, nos fazer pensar no choque com a realidade quando pensamos no valor da vida ou pode nos curar e nos tornar melhores redesenhando nossa existência ao invés de aceitarmos a tortura, mutilação de suas carnes usada à serviço da produção industrial massificada.

REFERÊNCIAS

BURGGGER, Paula. Nós e outros animais: especismo veganismo e educação ambiental. **Linhas Críticas**. Brasília, v.15, n.29, p197-214, jul\dez. 2009.

CARRION, Caroline. **Irrupção pela disrupção**: sobre o modo de trabalho de Berna Reale. 03 de mai 2015. Disponível em: <<https://bernareale.wordpress.com/>>. Acesso em: 15 out. de 2016

HARAWAY, Donna. Companhias multiespécie nas naturezaculturas: uma conversa entre Donna Haraway e Sandra Azeredo. MACIEL, Esther (org.). **Pensar/escrever o animal**: ensaios de zoopoética e biopolítica. Universidade Federal de Santa Catarina: 2011, p. 316-332.

_____. Antropoceno, capitaloceno, Plantatioceno, Chthluceno: fazendo parentes. **Environmental humanities**. v. 6, 2015, p. 159-165, 2015,. Disponível em <<http://environmentalhumanities.org/arch/vol6/6.7.pdf>> Acesso em 04 jul. 2016

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. n. 5, p. 7-41, 1995. <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1065_926_hARAWAY.pdf>. Acesso em 26 mar. 2017.

MILIOLI, Daniele; GALINDO, Dolores; PERES, Wilian Siqueira. Aliança multiespécie e subjetivações trans-humanas: In LESSA, Patrícia; GALINDO, Dolores. **Relações**

Realização:



Apoio:



multiespécies em rede: feminismo, animalismo e veganismo. Maringá, Eduem, 2017. (No prelo)

ROCHA, Susana N. V. T. Berna Reale: a importância do choque o do silêncio na performance. **Revista Estúdio:** artistas sobre outras obras. v. 5, n. 9, p. 22-30, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11089/2/ULFBA_PER_EST%C3%9ADIO_9_SUSANA%20DE%20NORONHA%20DA%20ROCHA.pdf>. Acesso em: 04 de out. 2016.

FERNANDA, Natalia; SIMÕES, Eduardo. As relações entre o Sexismo e a Alimentação na Índia: In LESSA, Patrícia; GALINDO, Dolores. **Relações multiespécies em rede:** feminismo, animalismo e veganismo. Maringá, Eduem, 2017. (no prelo).

LESSA, Patrícia; MENDES, Sarah. Narrativas Visuais em Campanhas de Cerveja: Sexismo, Especismo e Racismo. In LESSA, Patrícia; GALINDO, Dolores. **Relações multiespécies em rede:** feminismo, animalismo e veganismo. Maringá, Eduem, 2017. (no prelo).

_____. Poéticas animalistas em Maria Lacerda de Moura e Nise da Silveira: libertação, arte & resistência. **Sociopoética.** Paraíba: UEPB, n. 17, v.1, p. 5-25, 2016. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/sociopoetica/article/view/3223/1994>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

LESSA, Patrícia. Visibilidades y ocupaciones artísticas en territorios físicos y digitales. PADRÓS, Núria; COLLELLDEMONT, Eulàlia; SOLER, Joan. **Actas del XVIII Coloquio de Historia de la educación:** arte, literatura y educación. v.1, Vic: Espanha: Editora da UniVic, 2015, p.211-224.

MOURA, Maria Lacerda. **Civilização:** tronco de escravos. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1931.

STUBS, Roberta. **A/r/tografia de um corpo-experiência:** arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. 276 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/136107>>. Acesso em mar. 2017.

SEXISM AND SPECISM IN THE LIMIT ZERO WORK, OF BERNE REALE.

ABSTRACT

Realização:



Apoio:



Berna Reale is a Brazilian artist, who lives in Belém, works with performances, installations and photographic records in addition to other media. In this work we intend to approach the Limite Zero performance. In this work she is carried naked with her feet and hands tied in an iron rod through the streets of Bethlehem. With this our central objectives are to observe the relations between the human body and nonhuman in society and to verify how the relations of humanity are given And animality in the urban and social environment from the analysis of this work. Let us use as theoretical foundation the works of Donna Haraway and Felix Guattari, to think about the relations of society with the environment and with nonhuman animals and how they articulate relations of sensitivity and processes of subjectivation. In our partial results, we can consider Berna Reale's work as an animalist feminist, inscribed in the zoopotic perspective (HARAWAY, 2011), because it creates an interspecies relation to think about the connections between human actions and their social consequences and impact.

Keywords: Bern Reale; Zero Limit; Sexism

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação





Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

